

CULTURA E TURISMO: REFLEXÕES SOBRE POSSÍVEIS RELAÇÕES SOCIOCULTURAIS ENTRE TURISTAS E NATIVOS.

ROIM, Talita Prado Barbosa.

Bacharel em Turismo – Faculdade de Ciências Humanas – FAHU/ACEG – Garça – São Paulo – Brasil. Especialista em Metodologia do Ensino - Associação Cultural e Educacional de Garça. Mestre em Ciências Sociais – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Campus Marília – Doutoranda em Ciências Sociais – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Campus Marília.

E-mail: prado.talita@hotmail.com

SANTOS, Rodrigo Amado dos.

Coordenador e docente do Curso de Bacharelado em Turismo da Faculdade de Ciências Humanas – FAHU da Associação Cultural e Educacional de Garça – ACEG. Bacharel em Turismo – Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP. Mestre em Ciências Sociais - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus Marília.

profrodrigoamado@gmail.com

RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre diferentes situações em que turistas e nativos se relacionam em determinadas atividades turísticas. Pretende-se, pois, debater sobre as trocas culturais, bem como os choques culturais que ocorrem entre visitantes e visitados, tendo em vista os diferentes costumes e hábitos cotidianos das populações locais em relação aos turistas que os visitam.

Palavras-chave: Cultura. Nativo. Turismo. Turista.

ABSTRACT:

This article aims to reflect on different situations in which tourists and locals relate in some tourist activities. It is intended, therefore, discuss the cultural exchanges and cultural clashes that occur between visitors and visited, in view of the different customs and daily habits of local people towards tourists who visit them.

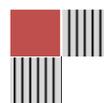
Key-words: Culture. Native. Tourism. Tourist.

1. O QUE É CULTURA?

Ao pensarmos no conceito de cultura existem algumas palavras-chave que fazem parte da nossa compreensão, como por exemplo, língua materna, costumes, hábitos, nacionalidade, festividades, música, dança, etc. Cultura pode abarcar todos esses elementos da vida cotidiana dos seres humanos. Mas, onde começa a cultura e onde termina a natureza? Qual a diferença entre seres humanos e animais? Essas são algumas das questões que movem os estudos culturais.

Alguns autores buscam teorias que delimitem o espaço entre homem e animal, ou seja, o que é cultura e o que é natureza. Podendo-se considerar o trabalho¹ como elemento

¹ Corrente de estudos marxistas, por exemplo, que compreende o trabalho humano, a capacidade de produção como aspecto diferenciador dos seres humanos e dos animais. Ver MARX, Karl. O capital. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.



diferenciador do homem e do animal, ou a racionalidade², ou ainda, a capacidade de experimentar³. Para os pesquisadores culturais, o que nos diferencia dos animais é a cultura, que pode ser compreendida e interpretada de diferentes maneiras. Para Geertz (2011) cultura é entendida como um emaranhado de símbolos e significados que englobam determinados grupos sociais, sendo possível de ser interpretado, pois

Acreditando como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado (GEERTZ, 2011, p. 04).

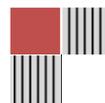
O homem é um ser cultural/social na medida em que ele se desenvolve a partir do convívio com o meio ao qual está inserido, interagindo com outros homens que partilham certas situações. Podemos afirmar que a sociedade é anterior ao homem, pois quando nascemos, nascemos em um determinado lugar, que possui regras, costumes em que somos educados segundo seus hábitos. Isso significa que antes de nascermos já existiam no mundo leis, crenças, costumes que foram estabelecidos e que são praticados há muitos séculos.

A cultura, pois, começa quando o homem deixa de realizar somente ações que atendam suas necessidades físicas e biológicas e passa a sofisticar seus instrumentos de ação, como por exemplo, a fome que é um elemento natural, biológico do homem, ao passo que a culinária é cultural, aprendida e repassada de geração em geração. O homem se diferencia do animal a partir da consciência, do trabalho, da capacidade de criar e transformar o meio em que vive. Ele transforma o ambiente e se adapta sendo capaz de criar diferentes técnicas corporais que correspondam às suas necessidades (MAUSS, 2003).

Ora, nós ocidentais dormimos em camas, um indígena ou um indivíduo nativo da Amazônia tende a dormir em redes. Caso dormirmos alguns dias em redes, teremos problemas, como dores de coluna, da mesma forma que haverá estranhamento desses indivíduos se trocarem suas redes por camas. Cultura, de uma maneira geral e abrangente, diz respeito ao que somos e como vivemos. Para exemplificar: falar é natural (fisicamente possível ao homem por meio das cordas vocais), mas falar diferentes línguas, como

² Corrente de estudos filosóficos, como Descartes, filósofo francês do século XVI, autor da frase “penso logo existo”, em que defende que é possível crer apenas na mente, no pensamento, já que, segundo o autor, os sentidos podem nos enganar algumas vezes. Ver DESCARTES, René. Discurso do Método. São Paulo: Martins Fontes, 1996, 2ªed.

³ Corrente de estudos filosóficos que vão em direção contrária à teoria de Descartes. É chamada a Filosofia Empirista, que tem como filósofo fundador dessa tradição o inglês John Locke (século XVI), que defende as experiências humanas como únicas ou principais fontes geradoras das ideias. Ver LOCKE, John. Carta acerca da tolerância; Segundo tratado sobre o governo; Ensaio acerca do entendimento humano. São Paulo: Abril Cultural, 1973.



português, inglês, francês, japonês, é cultural (hipoteticamente, se um japonês nasce no Japão, mas ainda bebê for educado por brasileiros no Brasil, certamente ele aprenderá a falar em português e não em japonês).

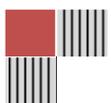
Os costumes, hábitos, tradições também são formas de expressar a cultura. Sendo assim, cultura pode ser identificada por meio das religiões, festas, comidas típicas, vestimentas, música, danças, enfim, nas diversas formas de arte e de desenvolvimento do trabalho humano. Por isso, cultura é algo que deve sempre ser relativizado, não podendo ser etnocêntrico, ou seja, a cultura deve ser compreendida dentro do contexto cultural e social na qual é praticada. Etnocentrismo, segundo Rocha (1988) é

Uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência. No plano intelectual, pode ser visto como a dificuldade de pensarmos a diferença; no plano afetivo, como sentimentos de estranheza, medo, hostilidade, etc. Perguntar sobre o que é etnocentrismo é, pois, indagar sobre um fenômeno onde se misturam tanto elementos intelectuais e racionais quanto elementos emocionais e afetivos. No etnocentrismo, estes dois planos do espírito humano – sentimento e pensamento – vão juntos compondo um fenômeno não apenas fortemente arraigado na história das sociedades como também facilmente encontrável no dia-a-dia das nossas vidas (ROCHA, 1988, p. 05).

Não podemos, portanto, ser preconceituosos com costumes e ações de outros povos. Devemos inicialmente compreender o contexto histórico/social dessa população de maneira a não julgar a diferença a partir do que consideramos “certo” ou “errado” dentro da nossa cultura, ou seja, dos nossos costumes e práticas cotidianas, que é diversa da do “outro”. Dessa forma, podemos começar a compreender o significado do conceito de cultura para as diferentes sociedades, para analisarmos de que forma o turismo pode contribuir para diminuir e amenizar choques culturais e até mesmo preconceitos étnicos, religiosos, ou de quaisquer naturezas ainda existentes entre os indivíduos.

2. O TURISMO COMO FACILITADOR DE TROCAS CULTURAIS?

O que o turismo pode ter em relação a toda discussão iniciada sobre cultura? Na medida em que afirmamos que o ser humano tem capacidade de conhecer, interpretar, aprender segundo um contexto cultural/social ao qual está inserido, pressupõe-se que o ser humano é curioso, no sentido em que tem desejo em desbravar o desconhecido, assimilando novas técnicas, conhecendo novos lugares, outras línguas, outros sabores, outras histórias, costumes, músicas, lazer, esportes, etc.



Desse modo, as atividades turísticas pode ser um facilitador para as novas descobertas e novos aprendizados humanos. Desde o século XIII⁴, período das grandes viagens marítimas e descobertas territoriais, o mundo ocidental intensifica a busca por conhecer outras culturas. As viagens eram realizadas pelos mais diversos fins, como por exemplos, dominação de outros povos, registros de fauna e flora exóticos, descobertas científicas, dentre outros interesses. Mas é somente após as Grandes Guerras⁵ que o turismo se intensifica, gerando um turismo de massas, despertando um interesse pelo “intercâmbio cultural”. O discurso favorável de conhecer o “outro”, entrar em realidade com o “diferente” foi bastante disseminado pelas Nações Unidas em prol da paz mundial (BARRETO, 2003).

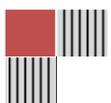
No entanto, o turismo era bem querido por alguns e maldito por outros. Pois, enquanto alguns defendiam que o turismo poderia ser um instrumento favorável à compreensão de outros povos, tornando a convivência entre nativos e estrangeiros mais harmoniosa e compreensiva, outros defendiam que o turismo poderia acabar com as particularidades do local e as subjetividades das populações nativas, além de ser propício para transformações indesejadas do cotidiano da localidade bem como a degeneração do meio ambiente.

Podemos elencar, no momento, dois aspectos que devem ser analisados e colocados em discussão. 1 – É fato que o turismo é um fenômeno social consolidado, que cresce a cada momento, e que se realizado de modo consciente e responsável pode contribuir para o crescimento econômico, social e político da localidade, assim como ajudar a preservar tradições culturais de povos nativos e; 2 – É fato que o turismo vem crescendo nos últimos anos de maneira desenfreada onde em muitos lugares foram prejudicados pelas grandes construções de hotéis e resorts, transformando o ambiente natural e cultural originais em aberrações arquitetônicas, como também, responsável por depredação ambiental, descaracterização de localidades e perda de identidades entre os autóctones.

Nessas duas situações que propomos pensar não está apenas em jogo o planejamento e organização turística da localidade a ser explorada, mas principalmente, as relações que são estabelecidas entre os visitantes e visitados, tornando mais complexa nossa tentativa de aproximação entre turismo e cultura. Obviamente sabemos que para que uma localidade turística se estabeleça e traga benefícios para os nativos e poucos impactos negativos a essa sociedade é necessário existir profissionais qualificados para planejamento, organização e

⁴ O ano de 1492 (século XIII) é considerado um marco na história, como sendo o ano da descoberta das Américas por Cristovam Colombo.

⁵ Trata-se da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).



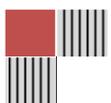
administração de quaisquer empreendimentos turísticos que seja praticado no local. Mas de que maneira garantir que a cultura local seja preservada sem interferências negativas trazidas pelos turistas? Como garantir uma relação de trocas culturais ao invés de choque cultural?

É necessário igualmente o trabalho de profissionais qualificados para se envolver com planejamento turístico, que sejam capazes de lançar olhares críticos a essas práticas e compreender quais são as possíveis relações entre turistas e nativos e os tipos de empatias existentes, que podem ser harmônicas ou conflituosas. Devem-se levar em conta diversas situações, como por exemplo, o aspecto atual da globalização, que diminui distâncias por meio de novas tecnologias que permitem avançados meios de comunicação, informação e transporte, em que o turismo se desenvolve de maneira mais intensa e incisiva, no sentido de que há uma maior quantidade de turistas viajando por lugares antes inimagináveis, portanto, com um leque maior de opções de deslocamentos e destinos.

Ao mesmo tempo em que a indústria do turismo se torna global, com as grandes redes hoteleiras, com as agências de viagens interconectadas, havendo cada vez mais, uma padronização de equipamentos e serviços prestados, há, por outro lado, uma busca pelas subjetividades locais, por uma manutenção de costumes regionais, preservação arquitetônicas das localidades turísticas. Assim, podemos afirmar que essa padronização que pode trazer facilidades ao consumidor no momento da escolha de serviços e equipamentos turísticos, pode também trazer uma descaracterização não apenas do ambiente, como também dos hábitos e costumes da população local, que passa a vender sua hospitalidade e até mesmo seu sorriso. “Assim, a massificação da viagem, a organização racionalizada e o desenvolvimento padronizado impedem mais uma vez as relações calorosas e qualquer tipo de troca intelectual” (KRIPPENDORF, 1989, p. 111).

Barretto (2003) afirma que a relação entre nativo e turista se torna artificial, como uma encenação à medida que a quantidade de turistas aumenta na localidade turística, em que a recepção dos nativos torna-se mercadorias e o tratamento aos turistas deixam de ser pessoal e passam a ser profissional, ou seja, estereotipado, com uma relação superficial entre um e outro, passando a ser, simplesmente, relação entre comprador e vendedor. Ainda, em casos recentes são encontrados essas características empobrecedoras culturalmente que o turismo pode gerar nas relações sociais entre comunidade local e viajante.

Robson, 2001 (apud Barreto, 2003, p. 05) afirma que “a relação dos turistas com as comunidades locais é superficial e efêmera quando não se trata do setor desta comunidade que



presta os serviços turísticos”. Além desses aspectos em que o turismo torna-se apenas uma ação mercadológica de compra e venda há uma situação anterior a essa e ainda mais complexa, o desinteresse dos turistas pela população local e o preconceito gerado por conta da falta de informação e desconhecimento dessas populações.

O cúmulo do desinteresse pelo conhecimento do outro pode ser detectado no auge do turismo de massas na década de 1960, quando era comum ouvir turistas afirmando de que os lugares seriam mais bonitos “se não fossem os habitantes locais” (cf. Turner & Ash, 1991, p. 210 apud: BARRETO, 2004, p. 07).

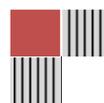
Infelizmente, essa é uma declaração preconceituosa, que ocorre ainda nos dias atuais, com comentários desse tipo realizado por turistas mal informados, com pouco ou nenhum conhecimento da localidade visitada, que viajam para os mais diversos lugares ao redor do mundo e que, ao retornarem aos seus locais de origem, fazem esse tipo de comentário acerca de populações nativas e/ou ribeirinhas que trabalham direta ou indiretamente com turismo⁶.

O caso contrário, ou seja, a visão dos nativos em relação aos visitantes, também foi detectada em algumas situações, como por exemplo, o pouco interesse da população local pelos turistas. Ou até mesmo uma visão negativa em relação a esses indivíduos. Krippendorf (1989) nos mostra relatos de nativos que percebiam os turistas como inimigos e sua defesa a eles era o desprezo e o silêncio, usando o distanciamento como “arma” contra esses “inimigos”. Existe, pois, uma visão estereotipada dos dois lados – nativo e turista – em que se desqualificam e não estabelecem, muitas vezes, ao menos uma relação respeitosa.

O resultado é que se chega a uma incompreensão mútua, ao invés do entendimento entre os povos. Às vezes, chega-se ao confronto, ao invés do encontro. E, até, mesmo, no pior dos casos, ao desprezo, ao invés do respeito: os turistas desprezam esses nativos “subdesenvolvidos”, os quais, em contrapartida, desprezam estes estrangeiros “liberados” (KRIPPENDORF, 1989, p. 115).

O fato é que ainda existem muitas impressões equivocadas entre os visitantes e os visitados, fruto, também de uma imaturidade do turismo enquanto profissão e instrumento mantenedor de tradições, costumes e identidades locais. A proposta abordada nesse trabalho, portanto, é de refletir sobre essas relações que são estabelecidas por meio das atividades turísticas, em que não podemos generalizar e afirmar que em todas as situações de encontros entre nativos e turistas ocorrem dessa maneira superficial e negativa, entretanto, devemos pensar sobre essas situações que podem ser adversas e prejudiciais à prática do turismo.

⁶ Essas são constatações realizadas por experiências e observações com turistas em que esse tipo de declaração foi relatado em conversas informais, onde turistas contam suas experiências de viagens.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

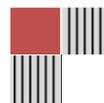
As relações e as trocas culturais em muitos dos casos das atividades turísticas não são harmoniosas, mas sim, permeadas por conflitos advindos da lógica mercadológica, capitalista, baseada no âmbito puramente econômico, onde se tem um consumidor (turista) e outro, como parte da mercadoria (nativo).

Os turistas passam a ser um mal necessário. Mal porque sua presença incomoda. Necessário porque seu dinheiro faz falta. Os turistas, por sua vez, veem no habitante local apenas um instrumento para seus fins. O grande paradoxo do turismo é que esta atividade coloca em contato pessoas que enxergam a si mesmas não como pessoas, mas como portadores de uma função, precisa e determinada... (BARRETTO, 2003, p. 16).

De fato, a relação entre turista e nativo passa por uma diversidade de sentimentos e funções sociais, que vão desde a cordialidade formal, com a relação profissional entre nativos e turistas e vice-versa, até o desinteresse e o desprezo uns pelos outros. Essas circunstâncias, sabemos que ocorrem não apenas em momentos proporcionados pelas atividades turísticas. A intolerância entre diferentes povos é, infelizmente, demarcada ao longo da história da humanidade, como por exemplo, as guerras, sejam elas de cunho político, religioso, étnico, racial ou econômico, são todas iniciadas pelas diferenças culturais da intolerância com o “outro” perante o “eu”.

Tendo consciência desses fatos é necessário que os profissionais do turismo atentem-se para essas situações, para tratá-las com zelo, pois são condições humanas complexas, polêmicas e que fazem parte da nossa atuação profissional. Portanto, dentro do planejamento do turismo deve haver a preocupação em mediar essas relações. Tornar ativa a voz dos nativos, respeitando seus costumes e hábitos cotidianos, assim como deve haver um trabalho de conscientização dos turistas, para que haja uma abertura para o diálogo e para a interação entre os dois lados, permitindo o conhecimento entre as diferentes formas de vida, sem que haja julgamentos ou hierarquia de valores culturais, mas compreensão de que nenhuma cultura é melhor que a outra, mas apenas diferente.

Esse debate e conscientização dos profissionais em turismo servem, sobretudo, para o entendimento de que as atividades turísticas podem ir além de proporcionar descanso, entretenimento e lazer aos turistas, mas uma relação humana saudável em favor ao desenvolvimento cultural e social das localidades exploradas. Para enaltecimento da identidade local, preservação dos costumes, sabores, olhares e fazeres dos indivíduos autóctones, enquanto que os turistas podem contribuir não apenas para o crescimento



econômico do local – circulação de moeda, vagas de emprego – como também, trocando saberes, proporcionando, efetivamente, uma troca intelectual e cultural entre os envolvidos.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO:

BARRETTO, Margarita. **Relações entre visitantes e visitados**: um retrospecto dos estudos socioantropológicos. Turismo em Análise, São Paulo, v. 15, n. 2, 2004.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1ª ed. [Reimpr.]. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

MAUSS, Marcel. **Noção de técnica corporal**. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p.399-422.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. **O que é etnocentrismo**. 5ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

